ANO XII / JULHO DE 1954 / N.º 117



Novellae

OLIVARUM

Oliveira & Vieira, L.DA

ESTOFADORES - DECORADORES

MÓVEIS ESTOFADOS EM TODOS OS ESTILOS E MODELOS

DECORAÇÕES EM TODOS OS GÉNEROS

Av. D. Carlos I, 140 — Telef. 61864 — LISBOA

A BOA CONSTRUTORA

FÁBRICA NACIONAL DE RELÓGIOS MONUMENTAIS



MANUEL FRANCISCO COUSINHA & FILHOS

Telefone: Almada 165 — Telegramas: FABRIRELÓGIOS — Almada

R. Capitão Leitão, 179-183 — Almada — Portugal

Relógios mecânicos e eléctricos para torres e edifícios públicos — Relógios-carrilhões que tocam trechos musicais — Relógios fabris com dispositivos de comando — Relógios eléctricos secundários — Máquinas que dão corda automática aos relógios mecânicos — Teclados eléctricos e manuais para sinos — Máquinas sineiras automáticas — Sinos afinados e avulso — Mostradores, sirenes, pára-raios, cata-ventos e Cruzes luminosas.

Dez e quinze anos de garantia — Trinta anos de prática

Premiada com medalha de ouro nas exposições a que tem concorrido

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões

Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS

CASAS DE BANHO — ASCENSORES — CONTRA INCÊNDIOS

PÁRA-RÁIOS — VENTILAÇÃO — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

E. PINTO BASTO & C.ª, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

(REPRESENTAÇÕES

INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC..

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos



MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B **Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços**



FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores**

NOVELLAE OLIVARUM

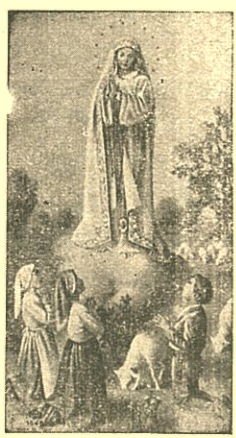
REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

A Virtude Esquecida — Padre Carlos 190
Arte Moderna — João de Almeida 197
O Alentejano — Religião e temperamento — Padre Soares ... 202
Panorama 207
Apresentamos 210
Como os meios operários recebem a pregação — Padre A. Jorge 211
Os nossos pobres — Padre B. Santos 215
A Psicanálise e a Moral — II — Miguel P. de Carvalho 217



IMAGENS MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

FUNDADA EM 1866

Sousa Tavares L.da

220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757

LISBOA

A Virtude Esquecida

No princípio era a Santíssima Trindade. E Deus, não querendo conter em Si a Sua infinita beatitude, deixou que transbordasse vida da Sua Vida e criou.

Pensou o homem. E tudo o mais que pensou foi por causa do homem.

De agora em diante eram duas ordens: Deus e as criaturas.

Deus, porém, não criara para separar de Si as criaturas. Quando Ele opera «ad extra» tem uma finalidade última «ad intra».; projecta sempre um regresso. A trajectória das criaturas, principiada em Si, em Si terminaria. E deste modo, a vida que saíra da Sua Vida regressaria, personificada em todos os homens, que Deus fizera para participarem do que, por direito, apenas pertencia ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. (De facto, pelo pecado, nem todos os homens deixariam voltar a sua vida à Vida de que havia nascido).

No entanto, as naturezas de Deus e do homem sempre foram — e serão — distintas. O homem, na sua ordem, era capaz de actos espirituais; mas não do tal regresso projectado por Deus. Isso excedia-o em absoluto. Era uma acção natural ao Criador e sobrenatural para si. Contudo, ele devia regressar como se o fizesse por seus próprios meios, posto na verdade, fôsse conduzido por Deus... Então, Deus criou em sua alma potências novas, relacionadas com as suas potências naturais, que haviam de ser a força directora do homem para Deus. Infundiu as virtudes teologais.

Por elas, permanecendo o homem na sua ordem distinta da de Deus, foi orientado para Ele, foi lançado no caminho dEle, no princípio do regresso a consumar naquele dia em que no seio bemaventurado da Santíssima Trindade serão Deus e as criaturas, eternamente. (Serão... aquelas que o forem...! Porque de facto, pelo pecado, nem todos os homens deixarão voltar a sua vida à Vida de que havia nascido).

* * *

O homem distinguia-se dos outros seres criados porque tinha inteligência e vontade — uma alma espiritual imagem do Criador.

Seria pois, mediante essas faculdades próprias à sua natureza, que o homem havia de exercer os actos daquelas novas potências infundidas por Deus para lhe tornar possível o regresso ao convívio íntimo da Sua Trindade.

Inteligência e vontade naturais postulavam inteligência e vontade sobrenaturais. E Deus criou a Fé e a Caridade.

Porém, a Fé não mostrava Deus, seu objecto, por clara visão. A Caridade não possuia Deus, seu objecto, indefectìvelmente. Durante a viagem de regresso do homem ao seio da Trindade Santíssima, uma grandeza (a mais fundamental de todas as grandezas na fenomenologia do mundo) tornava insuficientes a Fé e a Caridade. Era o tempo, esse conceito excluído pela eternidade e que o homem viador é incapaz de não pensar.

A Fé mostrava Deus, incipientemente. A Caridade dava-nos Deus, com a volubilidade de quem não está fixado. Era precisa uma outra potência que sustentasse a vida do primeiro impulso de amor, ao longo do tempo, até que não houvesse tempo. Esta potência, função do tempo, que acabará com o tempo — como afinal a Fé — é a Esperança.

E Deus, vendo que era precisa a Esperança, criou-A.

E agora, distinguir entre a Fé, a Esperança e a Caridade é um trabalho que os homens procuram sem lograr completamente. Porque elas são um só dom de Deus — no qual tudo é uno, simples e perfeito — e é o homem, por imperfeito, que tem de dissecar para aprender, até que acabe o tempo e tudo seja reduzido à unidade, à simplicidade, a uma perfeição finita, mas perene, imagem fiel da Trindade Santíssima.

*
* *

O homem actua para ser feliz. E se o negasse, além de mentiroso era blasfemo, porque Deus criou-o para repartir com ele a Sua felicidade. Recusá-la, ou já sequer subestimá-la, seria traição ao plano divino.

Ora, de facto, o homem normal actua para ser feliz.

Mas o que fará a sua felicidade? E onde? E quando? .

Se ele sabe e crê na Promessa, por um momento ama a coisa prometida. Depois, porém, vem o desgosto de uma posse que ainda não tem proporção para o desejo. E o homem hesita entre esse Bem ideal que

a Fé lhe apresenta muito ao longe e certos bens oportunos que prometem satisfação imediata.

É o conflito presente a todo o homem que vem a este mundo. É a luta entre o Bem e certos bens que, pela desordem, constituem mal.

O homem só experimenta que são enganadores aqueles bens e vale mais a posse que ainda não tem proporção para o desejo, se conseguir transportar-se, *agora,* além daquele adiamento, no fim do qal a posse excederá a capacidade do desejo. Este *transporte* vitorioso sobre o tempo é efeito da Esperança. A vida só se entende à luz da eternidade.

E no entanto, o conflito permanece em toda a vida do homem, mesmo do homem de Esperança. Ela é uma virtude de certeza intelectual a estruturar uma dúvida afectiva. O homem sabe, mas não sente. E deste combate, exigitivo de vigilância continuada, resulta que o homem de Esperança vive *vivamente,* vive virilmente o seu drama, construindo em dor o seu futuro. A Esperança é uma certa actualização da beatitude futura. Permanecendo embora a dúvida carnal, a inquietação, o perigo, o sofrimento, ela oferece já algo da serenidade que há-de ser depois.

O homem que escolhe os outros bens que, pela desordem, constituem mal; que nega a eternidade; que não entende a paz nascida da contradição; esse despreza a Esperança, que o dirige para Deus, e prefere aquela paixão que o orienta para algo realizável por si mesmo com possibilidades redentoras (julga ele!).

Não há terceira saída daquele conflito posto a todo o homem: ou Deus, ou as criaturas.

Quando o homem optou por estas, traiu a sobrenatureza que Deus criara para si, tocou de morte a sua própria natureza, entrou no caminho do desespero — fruto da paixão daqueles que aguardaram dos homens a felicidade do homem.

Na ordem natural, o homem poderia bastar-se. Mas ele foi criado para o convívio da Trindade Santíssima, que é um destino sobrenatural, e conserva em sua alma um desejo impossível de satisfazer por si. A felicidade que repousa o homem é de espécie divina: Consiste na posse do próprio Deus. Ora essa posse, indefectìvelmente em nossas mãos, não se obtém na vida. Até ao último instante somos sujeitos de a perder. O homem que crê em si e não na vida eterna vê passar os dias e aproximar-se a morte sem que chegue a felicidade. Em sua alma cresce o nervosismo; a paciência definha hora a hora. O homem que não crê na

eternidade e ignora que a sua abstracta felicidade se chama concretamente Deus, não encontra senão o desespero.

Aqui, tocamos outro aspecto de relação entre a Esperança e a vida moral do homem. A Esperança implica um exercício de paciência. Aquilo que se deseja não se possui em grau satisfatório, mas há-de vir a possuir-se, com uma certeza que a sensibilidade, agora, acusa hesitante. Por esta hesitação o drama permanece, mas com a garantia de um fim feliz. Entre o desejo e a posse, um período de tempo se interpõe. É mister aguardá-lo com serenidade, preocupados mais de uma velocidade mantida do que de uma aceleração continuada, tantas vezes tentadora do homem.

Na medida em que o homem realiza esta mortificação da sua ânsia, na medida em que é paciente, ele colhe os frutos da Esperança e, por eles, reforça a certeza que estrutura a paz interior.

Depois, o homem que espera, espera em Deus. Justamente não se apoia sobre si. O homem que espera é humilde.

A Esperança favorece um saudável realismo. Ela conserva acordada em nós a consciência de que somos peregrinos em marcha para um outro mundo, que é verdadeiramente o nosso. A insatisfação que nos habita com a Esperança é o sinal de alerta que nos não deixa parar. A Esperança é uma virtude activa e de equilíbrio entre a utopia e o desespero paralizador.

E, porque este mundo não é o melhor da nossa herança; porque Deus tem outro de incomparável valia para nos doar, o homem de Esperança passa pela terra liberto dos valores da terra. O homem de Esperança é pobre.

E também é resignado, activamente resignado. A sua batalha é pela conquista da cidadela de Deus. Antes do derradeiro assalto, quantos desaires não podem suceder! Mas não importa. Quando a vontade é recta e o desejo puro, o êxito vem muitas vezes por obra de fracassos. Da última vitória não há que duvidar: é a palavra de Deus que está comprometida.

Por isso, o homem de Esperança goza de uma estabilidade interior que torna possível a paz mais a guerra, a paz por via da guerra. O drama que permanece até ao fim, mesmo no que espera,, é o sal da vida, que dá sabor de eternidade à vida, *desde já,* e a preserva da corrupção do conformismo fatalista ou da euforia demasiadamente animal.

Para este homem, o seu drama não é um optimismo de criança e muito menos o pessimismo de um desesperado ou de um passivamente conformado. Ele sabe que o sofrimento é morte e o amor é Vida. Sabe que o amor é a alma do sofrimento. E sabe quo o sofrimento é, apenas porque o amor ainda não possui em plenitude o objecto do desejo. Mas essa plenitude esá prometida e prometida por Deus. Daí, o homem que espera compreende que a vida na terra é feita de *morte* e de Vida: é amar e sofrer. O Céu é puramente Vida: amar sem sofrer. O homem que não espera começa na Terra o Inferno, onde a vida (que é simplesmente *morte)* consiste em sofrer sem amor.

*
* *

Até agora a Esperança, virtude individual.

Mas Ela é função do tempo. Há-de acabar, quando acabar o tempo. E o tempo acabará, quando o reinado de Deus tiver atingido, por obra dos homens, aquele grau de universalidade sabido só por Ele. Então, o Reino de Deus na Terra desabrochará no Reino dos Céus. A Fé transformar-se-á em simples visão. A posse consumada do objecto do desejo libertará de imperfeição a Caridade. E a Esperança, por inútil, voltará a não ser.

É esse momento sabido só por Deus — em que todo o transitório, ou não mais será, ou será definitivamente — a chave dos problemas da Vida.

Quando será esse momento? Em que «semana» deste segundo advento, estaremos agora? Esta pergunta foi tentação constante ao longo da História.

Não temos a resposta em valores cronométricos, mas Deus, de certo modo, pôs essa chave em nossas mãos. Esse momento chegará quando o reinado de Deus tiver crescido, por obra dos homens, até certo ponto marcado por Deus. Daqui resulta que, apressar quanto de nós depende esse momento, é algo que interessa a todos os homens. A Esperança é uma virtude comunitária.

É este mesmo o aspecto mais sublinhado na Escritura. A Teologia estudou em profundidade a face individual. Mas o próprio labor teológico, ao considerar a Esperança vivificada pela Caridade, reconduziu ao

conceito comunitário: A Esperança informada pelo amor tem por objecto Deus, fonte de beatitude universal. A minha salvação está incluída na salvação de todos os homens. (1) E eu conquisto-a, não isoladamente, mas na medida em que lutar por ela em favor de toda a humanidade.

Todo o nosso trabalho está na dilatação do reinado de Deus. E o fim dos tempos é isto mesmo: a união dos muitos feudos em que Deus reina, no Reino único e universal de Deus.

A Igreja, comunidade daqueles sobre que reina Cristo, é na terra o Reino incipiente de Deus, que, qual grão de mostarda, crescerá e se transformará em grande arbusto.

A perfeição definitiva deste Reino só se atingirá no fim dos tempos, quando for chegado aquele grau de universalidade sabido só por Deus. É este grau o objecto pròximamente esperado pelos cidadãos terrenos do Reino, participantes imperfeitos dos bens do mesmo Reino, que foi constituído por Cristo para crescer pelo labor dos homens.

A perfeição será, quando houver um reinado universal de Deus a que corresponda um Reino organizado segundo a Sua Lei.

Todo o nosso trabalho está, pois, na dilatação do Seu reinado: na instauração universal e definitiva da Sua Igreja.

Quando chegará esse momento?... Deus não responde, nem importa saber quando será. Importa, sim, prepará-lo. E o fim dos tempos prepara-se, vivendo bem o nosso tempo.

Hoje, é um dia da Eternidade. O cristão, o homem de Esperança, vive as duas etapas da vida eterna *per moduum unius*. A morte não tira a vida — apenas a transforma. (2)

O além e o aquém do fim dos tempos distinguem-se, mas não se separam. Aquele fim é um ponto de referência, um traço de união, um fenómeno transitório do imperfeito ao perfeito. Agora, a vida mede-se em unidades de tempo. Depois, deixa de ser medida, por imensurável.

Mas aquele fim, longe de separar, retoma em plenitude aquela vida que fôra suspensa pela morte. E os homens desse último dia hão-de passar à Vida sem jamais terem deixado de viver.

Decerto aquele dia será terrível — «dies irae dies illa» — para os

---

(1) Cf. J. Daniélon, «*Essai sur le Mystère de l'Histoire*» — Ed. du Seuil, 1953, pág. 340.

(2) Prefácio dos Defuntos.

que não acreditaram nele nem o esperaram. Para o cristão não há problema. Aquele dia virá amanhã, ou passadas mil gerações, no justo momento sabido por Deus. Preparar aquele dia é estar preparado hoje, agora mesmo, viver bem o instante que passa.

E neste instante, cada homem tem deveres espirituais e temporais. Obrigações de estado reclamam a sua atenção e o seu esforço e o seu amor a este mundo em que vivemos e que ajudamos a construir até àquela altura em que Deus porá a cúpula, no dia do trânsito.

Como pois dizer que o pensamento da eternidade, do próximo advento dos dias sem medida, nos desinteressam dos dias que se contam?

Não. Somos homens de Esperança e Ela é a força com que suportamos as imperfeições, nossas e dos irmãos. É a energia com que mantemos o movimento para o mais através do menos, certos de que não há solução de continuidade entre *já* e *depois*. É o estímulo que nos faz recomeçar depois do fracasso. É a garantia de que a Felicidade é o termo da depuração da *felicidade* + *dor* deste momento. É a actualidade potencial, dessa Felicidade limite. E portanto, é a razão por que já somos felizes.

Para o cristão, não há problema. De resto, o cristão não tem quase nenhum dos problemas que os outros homens têm, ou dizem ter, por moda ou cegueira doentia.

Decerto, a vida tem incógnitas... Mas o seu Deus, quando deixou mistério o processo de as calcular, revelou o valor delas. O cristão pode não atingir o porquê, mas conhece o ser das realidades fundamentais da sua vida. Sabe a tensão que o faz circular do seio materno ao seio divino. É um homem de certezas, de paz, de felicidade.

A presença habitual, perene, inabalável pelos temporais da vida, desta felicidade, é o efeito de um dom sobrenatural, de uma força de Deus inerente à alma — de uma virtude, pois — que se chama Esperança.

P.e CARLOS

ARTE MODERNA

O Renascimento, na linha do classicismo pagão greco-romano, introduziu na arte do Ocidente um germe de naturalismo, que atingindo o seu máximo desenvolvimento no séc. XIX, só nos alvores do nosso século voltou a ser posto em causa.

Concebeu-se a arte como imitação da natureza, como reprodução ou idealização das realidades do universo exterior. Perdeu-se o sentido de transfiguração que caracterizara toda a arte medieval, e dela fizera, particularmente da românica, uma arte tão plenamente cristã. Por isso, diz Maritain, ao passarmos, num museu, das salas dos primitivos àquelas em que triunfa uma ciência material bem mais considerável, os nossos pés dão um passo em frente, mas a alma dá uma queda vertiginosa. «No século XVI a mentira instala-se na pintura, que se põe a amar a ciência por si mesma, e quer dar-nos a ilusão da natureza e fazer-nos crer que diante de um quadro estamos diante da cena ou do assunto pintados, não diante de um quadro». (1) Se os grandes clássicos e barocos, de Rafael a Greco, de Miguel Ângelo a Poussin, conseguiram purificar a sua arte desta mentira, é sobre ela que assenta toda a teoria do Renascimento e toda a evolução da arte dos últimos séculos. Qualquer académico dos nosos dias poderia invocar, em defesa do mais intransigente dos naturalismos, grandes nomes do passado. Já Leonardo de Vinci afirma que a qualidade da pintura depende do grau de ilusão da realidade que ela é capaz de transmitir, e conta-nos, para nosso espanto, como achara coisa maravilhosa que diante de um quadro representando um pai de família, crianças da casa e animais domésticos se tivessem posto a acariciar a imagem do retratado. (2) Levada a este extremo, tal aspiração seria

---

(1) Jacques Maritain — Art et Scolastique, no capítulo «La Pureté de l'Art».
(2) Idem — cit. na nota 131.

degradante se alguma vez aquele que a formulou a tivesse posto em prática na sua pintura. Faria da arte pouco mais do que uma demonstração de virtuosismo.

Só no séc. XIX este princípio de naturalismo virá a ser tão literalmente aplicado, persistindo, na arte académica, em contínua degradação, até aos nossos dias. Eis alguns dos elementos que o compõem: ilusão do espaço, ilusão dos corpos, ilusão da matéria e da textura das superfícies, exactidão da cor, exactidão das proporções anatómicas.

Para compreender a arte moderna e apreciar sem escândalo os grandes mestres contemporâneos, um Matisse, um Rouault, um Chagall, temos de aceitar uma óptica inteiramente diferente, passando por cima de quatro séculos de estética naturalista.

Paul Klee, um dos mais representativos pintores do nosso século, ao procurar esclarecer por meio de uma parábola o sentido da sua obra, deixou-nos expressivo testemunho acerca das aspirações da arte moderna. O processo de criação artística seria semelhante a uma árvore. O encontro das coisas com o artista, a orientação deste através dos elementos da natureza e da vida, a contemplação do mundo e a ordenação das experiências, comparava-as ele ao trabalho das raízes. O artista ocuparia o lugar do tronco e seria percorrido pela seiva das suas visões, dirigindo-a contìnuamente para a sua obra. Esta seria finalmente semelhante à rama da árvore desdobrando-se aos nossos olhos nas suas múltiplas ramificações. Ninguém se lembraria de exigir da árvore que a sua folhagem tivesse a mesma configuração das raízes. Da mesma maneira a obra de arte não pode senão evocar, transfiguradas, diferentes na forma mas reflectindo a mesma estrutura íntima, as realidades de que o artista se deixou penetrar e que procurou exprimir. Vai este testemunho encontrar-se com as afirmações do doutrinador. Maritain, na sua «Arte e Escolástica» diz-nos que o artista, para fazer resplandecer na sua obra as radiações espirituais descobertas no real, «e portanto para ser verdadeiramente dócil ao invisível espírito que se joga nas coisas, pode, e mesmo deve, deformar em certa medida, reconstruir, transfigurar as aparências materiais da natureza». (1)

---

(1) Art et Scolastique — «La pureté de l'Art».

Sabiam isto os artistas românicos. A sua arte, não por primitivismo, ao contrário do que é corrente julgar-se, mas por uma admirável mestria, foi uma arte de deformação: (1) as formas vegetais, animais ou humanas, abandonando as suas relações naturais para se submeterem ao conjunto da obra e à sua força expressiva, sugeriam sempre, para além do próprio objecto que representavam, um mundo transcendente em que cabiam as mais misteriosas realidades.

É de certo modo neste sentido que caminha a arte de hoje. A aspiração última do artista moderno deixou de ser a imitação ou idealização da natureza, para voltar a ser a criação de obras especìficamente plásticas e a expressão de realidades irredutíveis à simples combinação de elementos copiados do mundo exterior.

Assim o assunto, ao qual se dera uma importância desmesurada em relação à própria maneira de o significar, isto é, à própria linguagem plástica, fazendo de certo modo entrar a pintura e a escultura no campo da literatura, perde a primazia. E a atenção do artista concentra-se toda na purificação dessa linguagem e na transposição para o mundo das cores e das formas, da emoção sentida perante as coisas ou «da lenta meditação da sua vida cotidiana. (2) Para tal fim não receia deformar os elementos naturais (3) ou abandonar a figuração criando formas e ritmos abstractos.

Por outro lado a arte moderna tende ao *decorativo,* ao contrário da arte post-renascentista, que visava a criação de microcosmos auto-suficientes, indiferentes à integração em espaços exteriores a eles.

Assim todos os seus processos se combinam para a obtenção de conjuntos, que sendo mais do que ornamentais, tenham no entanto as características da arte decorativa, e possam oferecer-se a uma visão directa, unitária, sem recurso à leitura. Em pintura desdenha-se a perspectiva linear e aérea empregada a partir do Renascimento para dar a

---

(1) Cf. em *L'Art d'Eglise,* n.º 4 — 1950, o estudo de Dom Claude Jean-Nesmy e Dom Angelico Surchamp «*L'Art Roman — Art d'Église*».

(2) *Bazaine* — Notas sobre o mosaico de Audincourt *L'Art Sacré* — Nov.-Dez. 1951, pág. 24.

(3) J. Streignart, S. J., em «Documents ecclésiastiques sur l'art religieuse» — Nouvelle Revue Théologique — Nov. 1952, pág. 952, aborda o problema da conciliação desta característica da arte moderna com as condenações formuladas pela Santa Sé em matéria de Arte Sacra.

ilusão da terceira dimensão, abandona-se o claro-escuro, o modelado do volume, tudo aquilo que fazia do quadro um prolongamento do mundo sensível, como que uma janela aberta na parede sobre uma cena da vida real. Para exprimir o espaço por um meio mais pictórico, respeitando o suporte, procuram-se novas equivalências espaciais, ora rebatendo os objectos sobre a superfície do muro ou quadro, de modo a não parecerem perfurá-la, ora sobrepondo os planos, acentuando ou esmagando os contornos, libertando do volume a cor e estendend-a-a em largas manchas sem modelação.

Estas duas tendências fundamentais da arte moderna, interioridade e decoratividade, que tão estreitas relações estabelecem entre ela e a arte românica, vão no entanto esbarrar de encontro a obstáculos que, na medida em que não têm sido superados, dão origem a duas graves deficiências.

A primeira é uma *monumentalidade frustrada.* Os grandes artistas, salvo raríssimas excepções, não têm sido chamados a decorar edifícios. A arquitectura, antes de poder dedicar-se aos problemas de integração das artes plásticas, tem de resolver os seus próprios problemas, em gigantesco esforço de renovação. E assim, pintores de talento especìficamente mural, vêem-se limitados à pintura de cavalete, e escultores, cujas obras exigiriam correspondências rítmicas e espaciais exteriores a si mesmas e portanto incorporação em espaços arquitectònicamente organizados, vêem-se condenados a trabalhar quase exclusivamente para os museus ou os jardins públicos, e a fazerem imagens móveis, migratórias, sem ligação substancial com os edifícios a que se destinam. Tiveram mais sorte os decoradores de Saint-Savin, de Tavant, de St.ª Maria de Tahull (1) e os escultores que animaram com os seus poemas de pedra pórticos e capitéis do séc. XII.

A segunda deficiência apenas podemos aqui apontá-la, pois uma análise mais profunda envolveria factores demasiado complexos para o curto espaço de que dispomos. É o *hermetismo,* que parece marcar grande parte da produção dos artistas contemporâneos. Ao orientarem a sua estética para a expressão de realidades de ordem interior ou trans-

(1) Igrejas do séc. XII: as duas primeiras em França, a terceira na Catalunha. Apresentam-se, como muitas outras da época, inteiramente cobertas de frescos. (As pinutras de S.ta Maria de Tahull foram removidas para o Museu de Barcelona).

cendente e ao procurarem novas linguagens especìficamente plásticas, eles vão esbarrar de encontro à incompreensão do público. Este perdeu todo o sentido crítico e estético. Com a sensibilidade adulterada por um longo período de decadência das artes, corrompidas pelo academismo e pela comercialização, compraz-se numa pseudo-arte sem espírito e sem vida. Ou então, quando reconhece a mediocridade da produção artística corrente, incapaz de seguir a arte «viva» nas suas novas tendências, refugia-se na apreciação exclusiva do passado e limita-se a exigir a sua cópia servil.

Estabelece-se assim uma ruptura, que isolando o artista, constitui para ele verdadeira catástrofe, o não convida à universalidade e à objectividade e o leva, demasiadas vezes, a exprimir-se em obras com carácter experimental e imaturo. Isto, por seu turno, vai contribuir para manter o público afastado e conservar o abismo.

Temos de confessá-lo, a arte moderna apresenta esta contradição íntima, cuja solução começa apenas a entrever-se: sendo uma arte de tendência monumental e portanto orientada para a comunidade, não encontra eco na comunidade, e consequentemente não recebe dela aquele enquadramento que lhe permitiria alcançar, nos seus múltiplos elementos, temáticos e formais, a universalidade e a maturidade que a elevariam à altura das grandes artes colectivas do passado.

As suas características são precisamente aquelas que dariam lugar, bem orientadas, a um reflorescimento da arte sacra. Fresco, azulejo, baixo relevo, tapessaria, em nenhum outro edifício como no templo encontrariam as possibilidades espirituais e estéticas a que aspiram.

A evolução e a estabilização da arquitectura religiosa, a transformação da espiritualidade e da sensibilidade do povo cristão a partir do movimento litúrgico, a organização dos artistas católicos em comunidades de estudo e de trabalho, permitem-nos esperar que, lentamente, vão sendo criadas as condições que permitirão à arte moderna tomar «o seu lugar no cortejo histórico das formas ao serviço da Fé» (Mediator Dei).

JOÃO DE ALMEIDA

O Alentejano

— Religião e temperamento

Situada entre o Sado e o Guadiana, além-Tejo, estende-se a vasta e rica província transtagana.

É certamente a região de Portugal menos privilegiada. No verão, mais parece um sertão africano, embora na primavera deixe a impressão de uma «Holanda Portuguesa».

Mais triste e monótona que a paisagem da natureza é, no entanto, a paisagem das almas.

O que primeiro fere a observação do visitante, é a precária e desoladora situação religiosa, desta terça parte do Continente. Causa pena ver a estoica indiferença, desinteresse e apatia do povo alentejano, perante o problema religioso. Vive-se e morre-se friamente, sem sacramentos, sem Sacerdote, sem a Igreja.

90 % não cumprem o preceito dominical. Muitas terras não têm Pároco; as igrejas, fechadas, servem de abrigo às aves do céu. Vão longe os sons que daqueles sinos se ouviram a última vez.

Porém, fenómeno estranho — ao lado desta miséria religiosa, é certo e provado que não é um povo agnóstico ou anti-religioso. Tem um grande sentimento do sobrenatural; tem fé, embora mais sentimental e teórica; aspira à natural perfeição para que foi criado; sente em si a sede do divino.

De norte a sul, encontra-se disseminado por toda a região, um rico e artístico património religioso. Magníficas e amplas igrejas; santuários, capelas, imagens, cruzeiros e lápides; montes, herdades, lugarejos e ruas de povoações, têm nomes religiosos. Mais impressionante ainda é a filial e entranhada devoção à Virgem Mãe de Deus.

Conclui-se portanto, ter havido ali crepitantes chamas de fé.

De facto, os mais idosos, contam e lembram-se desses tempos em que não se faltava à Missa e se cumpriam normalmente os deveres religiosos.

Hoje, abandonaram os templos. Em consequência, este abandono lançou o povo numa espécie de pessimismo desesperante, tornando-lhe a vida triste, monótona, naturalista, sem entusiasmo.

A que atribuir esta descristianização e tão profunda mudança?
Apontam-se três causas principais.
Uma causa histórica
Uma causa político-social
Uma causa psicológico-moral.

Causa Histórica. — O que de belo e espiritual tinha sido realizado na Lusitânia pelos romanos e visigodos, começou em 711 a ser desfeito pela funesta e prolongada influência árabe. O Alentejo com o Algarve, foi a última região de Portugal a ser reconquistada. Enquanto o norte, há quase dois séculos vivia em regime de cristandade, o sul vivia, ainda na dependência árabe.

Causa Político-Social. — É um facto, que, pelo menos desde 711, nunca houve na região transtagana vida religiosa organizada no sistema paroquial.

Tanto as ordens militares como os conventos de frades,, não exerciam aquela função necessária para formar uma colectividade religiosa; aliás tinham a sua vida própria nos castelos e nos conventos.

Em consequência, até ao primeiro quartel do nosso século, existiu sempre uma certa desorientação religiosa, motivada por vários factores negativos e positivos, que seria longo enumerar.

O principal, porém, foi a anarquia religiosa, causada pelo ambiente político-social, sobretudo nos anos do liberalismo e democracia maçónica, com o espírito sectário anti-religioso.

Causa Psicológico Moral. — Ninguém ignora a política anti-religiosa do liberalismo e democracia maçónica. Conseguido o principal intento — roubar a fé ao povo — lançando-o numa completa desorientação de espírito, ousaram psicològicamente, com tentadoras promessas, em nome da «Liberdade, Igualdade e Fraternidade», dizer-lhes que a Religião dependia do Estado. Ora, sendo a República maçónica e anti-clerical, a conclusão lógica era que em 1910 acabara a Religião em Portugal.

Daqui, nasceu a desconfiança no clero, acreditando cegamente no dogmatismo liberal. Alguns mesmo, desamparados e perseguidos, fracassaram, agravando o mal. E como não podia deixar de ser, estes deslizes foram caluniosamente explorados.

Cavou desde então muito fundo, o ódio e aversão ao clero e ainda hoje, em alguns lugares, a presença dum sacerdote, é o que há de mais indesejável.

Se é certo que houve casos lamentáveis, está longe de o ser como muitos pensam e dizem, esquecendo ou ignorando que muito pior para o mesmo efeito, foi a acção destruidora, anti-cristã e anti-patriótica, de muitos políticos da região.

Desde a partilha das terras, à participação no governo e ao pão de cada dia garantido, tudo foram tentadoras promessas.

Na sua ingenuidade, não compreendeu o povo que quem tudo promete, pouco ou nada vem a dar.

Assim se esboça a descristianização do Alentejo, Província verdadeiramente mártir.

Estas mesmas causas, acrescidas da influência do meio geográfico, apresentam-se também como características da mentalidade e do temperamento alentejano.

O baixo nível religioso do Alentejo e o estado de espírito da sua gente, tão diferente da gente do norte — são factos reais e surpreendentes. Como explicar?

Não é questão de incapacidade intelectual ou de diversidade de elemento étnico, ou inferioridade de natureza; é sim devido a defeitos de formação, a preconceitos duma mentalidade deformada e ainda ao tributo de certas taras hereditárias.

Durante cerca de cinco séculos de domínio árabe, era natural uma certa fusão e identificação de espíritos, hábitos e costumes. Assim, conserva o alentejano a visão materialista e fatalista da vida. A religião maometana, fria e sensual, baseia-se em ideias como esta: «está escrito, tem de ser». Em consequência, o árabe é determinista; deixa-se conduzir pela sorte de braços cruzados perante a lei de que «tem de ser». Tal concepção tira a liberdade e a auto-determinação ao homem, torna-o indiferente por tudo o que seja esforço, acção, progresso. Muito deste fatalismo, sensualismo e indiferença se nota na psicologia alentejana, embora tenha havido reacção e progresso.

Também não se libertou ainda de certos costumes, por vezes ridículos, de certas tendências transmitidas pelo prolongado convívio, cruzamentos rácicos, etc..

Como exemplo, veja-se o que há de ridículo no seguinte costume, herança árabe, que ainda hoje, é corrente entre eles.

As mulheres, pela morte de um dos familiares, não saiem de casa durante um e até dois anos e a primeira vez que saiem, é para ir ao baile.

Tal costume, parece estar mais ou menos generalizado no Baixo Alentejo, apesar de fortemente ridicularizado.

Eivados também dum funesto preconceito, enquanto a classe rude do povo é crassamente ignorante em matéria religiosa, as classes média e superior, julgam o indiferentismo religioso sinal de superioridade. Crê ser a religião uma velharia dos tempos antigos e assim, não dá importância à formação religiosa, desprezando completamente o ensinamento da Igreja. Tal hipercriticismo, que tende a criar o tremendo ambiente de indiferença e mesmo de hostilidade, baseia-se num orgulho, próprio do alentejano. Nascido nesta atmosfera, já aos dez anos a criança tem vergonha de ir à Igreja e por isso difìcilmente aprenderá a rezar, se até aí não aprendeu.

A tudo isto, vem juntar-se o pesado contributo do factor geográfico. O Alentejo, situado na planície, tem tendência à vida calma, vagarosa e isto é de certo modo explicável, psicològicamente.

Alguém que caminha na planície vê já o fim ao longe e não tem pressa de lá chegar, nem curiosidade de contemplar paisagens. Pior ainda, quando sob um sol equatorial como é o do Alentejo, que mais convida ao repouso, à sombra duma frondosa árvore à beira do caminho. Um clima tão emoliente e propício ao excitamento dos vícios, não pode deixar de contribuir para o estado de espírito do povo do sul.

O Alentejo, é por natureza, dotado de grande indolência e certa apatia por tudo o que seja esforço mental e concentração de espírito. Em geral, nota-se um certo espírito de teimosia tradicionalista, particularmente, nos hábitos religiosos. Tende a cristalizar nas tradições e isto porque é semi-isolacionista geogràficamente; são muito distantes as povoações e quase todas muito afastadas das linhas férreas e o facto tem explicação na resistência, feita por essa terra, à aproximação desse meio de transporte. Também se encontra, ainda quem, fortemente apegado às «ronceiras tradições», se alumia à luz do azeite e não consente o petróleo ou a luz eléctrica. Por isto se verifica a lentidão deste povo, na adaptação às exigências da vida moderna. O mesmo se diga quanto à reforma de costumes e hábitos religiosos. Chega a ser alvo de calúnias, insultos e queixas ao Prelado, o prior que muda uma imagem dum altar para outro, da igreja para a sacristia, ou porque o enterro passa antes por esta e não por aquela rua, como era costume.

Baseiam-se tais atitudes, numa certa altivez do preconceito de hiper-civilização.

Caracterològicamente, o alentejano é um sentimental e de tal modo afectivo, que pode parecer tendência perversiva; de ordinário não é. Ao primeiro contacto com um indivíduo, olha-o com desconfiança. Estuda-o; vê se lhe merece confiança e no caso afirmativo, dá-se com seriedade e lealdade; é de ordinário hospitaleiro e muito social, quando encontra confiança. Sendo um esquisotímico, a reacção é lenta mas firme. Ao tomar uma resolução, fixa-se de tal modo, que é difícil voltar atrás.

Disse alguém e com muita autoridade: «em dotes naturais, o povo alentejano é o melhor do País».

De facto, possui um conjunto de qualidades, que lhe imprimem certa nobreza de carácter. Eis como o descreve uma dessas nobres almas alentejanas, filha do Alentejo: — o alentejano, «é homem mais de vida interior que de exterior; mais fàcilmente chora do que dá vivas ou bate palmas;é parco nas palavras, honesto, respeitador do alheio, sofredor e resignado. É dotado de grande franqueza, sincera lealdade, conhecida altivez que, menos que orgulho, é timbre de dignidade pessoal. O alentejano odeia a subserviência, mas é obediente e ordeiro. Não tem a vocação de rapina; em circunstâncias críticas, prefere morrer à fome do que roubar». «A mulher é boa dona de casa, honesta serviçal, boa mãe de família». (1)

A deslustrar, porém, cumpre dizer que o maior vício bastante generalizado, é talvez o alcoolismo. O grau de moralidade, não é tão baixo como por vezes se ouve dizer. Sòmente, com a inundação do mau cinema se têm registado alguns escândalos passionais, factos muito raros tempos atrás.

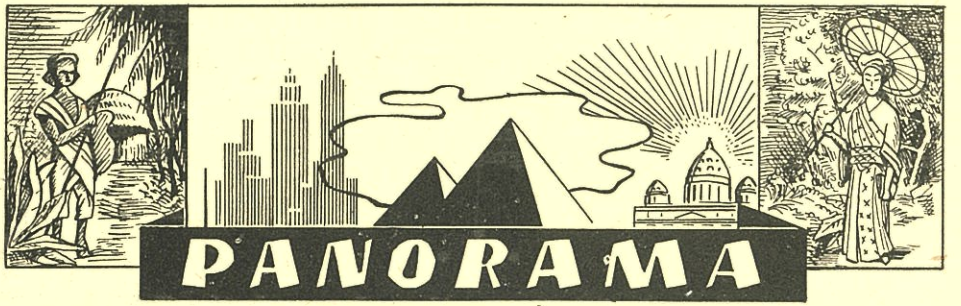
Mas, importa dizê-lo e com verdade, a Diocese que ao longo da História tem sido mais martirizada, a de Beja, está hoje na primavera da vida religiosa. Factos impressionantes se verificam, dia a dia, neste rejuvenescimento espiritual, de almas que têm mergulhado numa espécie de nostalgia do divino. A Virgem Mãe de Deus, tão querida do Alentejo, não podia por mais tempo, provar a fé dos seus alentejanos.

Graças a Deus também já se reza no Alentejo.

P.e P. SOARES

---

(1) Gonçalo de Serpa. «*A Virgem da Lusitânia*», págs. 160-161.



As conclusões de Lugano

Depois de Lugano, onde a explícita aquiescência da Santa Sé e a activa participação de 3 Cardeais e 15 Bispos foram recompensa muito estimada, os vários Centros de renovação litúrgica adquiriram alento para um redobro e conexão dos seus esforços, em meio século de estudos e experiências, tanto em movimentos diocesanos e nacionais como em iniciativas privadas, sobretudo de mosteiros beneditinos.

De 14 a 18 de Setembro de 1953 encontraram-se na pitoresca cidade da Suíça italiana os maiores nomes da investigação e pastoral litúrgicas. Doze países estiveram presentes, em alguns dos quais os Católicos são a minoria: Itália, Alemanha, Suíça ,França, Bélgica, Espanha, Inglaterra, Áustria, Luxemburgo, Holanda, Dinamarca e Estados Unidos. A representação era suficientemente vasta para que Roma se interessasse em auscultar o sentir da Igreja Católica sobretudo quanto às reformas feitas ou desejáveis da Liturgia da Semana Maior.

De facto, o tema principal do Congresso foi a discussão já das experiências realizadas com a Vigília Pascal, já da urgência pastoral de outras futuras reformas (Quinta e Sexta-feira Santas).

Quanto à Vigília Pascal, houve reconhecimento unânime do bom êxito do novo «Ordo Sabbati Sancti». Nas várias comunicações feitas, apenas surgiram objecções oriundas da incompatibilidade com usos locais ligados à celebração tradicional do Sábado de Aleluia; da consequente baixa, na afluência dos fiéis à Missa do Domingo de Páscoa; e, especialmente, das dificuldades pastorais do uso do latim em quase toda a cerimónia. Disse Mons. Jelmini, Bispo de Lugano: — «Seria de desejar que o uso do vernáculo se estendesse ainda mais, e em especial que se pudesse utilizar na leitura das lições, Epístola e Evangelho; como também seria de desejar que, não alargando a cerimónia, houvesse possibilidade de cantar-se em língua vulgar após as Lições e, eventualmente, durante a procissão para o baptistério.

Foi, ainda, parecer unânime dos congressistas que os fiéis, que houvessem comungado na Vigília Pascal, o pudessem fazer de novo na Missa paroquial do Domingo.

A discussão das reformas possíveis para a Quinta-feira e Sexta-feira Santas levou a maior diversidade de pareceres. Teóricos e pastores acordaram na utilidade

a maior fidelidade histórica da celebração vespertina da Missa de Quinta-feira Santa. Já divergiram, porém, quanto à celebração dos Ofícios de Sexta-feira Santa na parte da tarde.

Afora o tema da Semana Santa outros surgiram que despertaram sumo interesse: — a inclusão do Credo em missas de que as rubricas o excluem, quando a utilidade pastoral assim exige (v. g. em Missas celebradas nas terras de missões que as têm uma ou duas vezes no ano); a escolha livre das perícopas da Epístola e Evangelho para idênticas circunstâncias; a experiência pastoral do Cardeal Lercaro que, no Domingo de Ramos, pela tarde, efectuou uma jornada infantil de 10 mil crianças que empunhavam palmas e ramos de oliveira, desfilando pelas ruas de Bolonha a cantarem o «Pueri Hebreorum».

Publicamos, em seguida, as conclusões do III Congresso Internacional de Liturgia ,que os seus promotores apresentaram submissamente à Santa Sé como testemunho dos que anseiam por uma integração mais viva dos cristãos no mistério de Cristo.

F. M.

*
* *

O Congresso de estudos litúrgicos reunido em Lugano ,de 14 a 18 de Setembro, exprime o seu humilde reconhecimento a S. S. o Papa Pio XII pela encíclica «Mediator Dei», por toda a sua obra de adaptação da liturgia às necessidades do nosso tempo, e pelas bênçãos de que se dignou de cumular o Congresso.

Com toda a humildade e confiança, o Congresso submete à benevolência do Sumo Pontífice os votos seguintes:

I

Foi o Bem-aventurado Pio X quem formulou a necessidade da participação activa dos fiéis nos Santos Mistérios. O Congresso reconhece nesta fórmula, confirmada pelos últimos Papas, a fecundíssima fonte donde os fiéis podem haurir a vida em maior abundância; nem seria possível duvidar-se do seu valor, para o presente e para o futuro, especialmente nas terras de missão e nas regiões em que os católicos não vão além da minoria.

II

Os Sumos Pontífices Pio X e Pio XII quiseram, o primeiro pelos seus decretos e o segundo pela sua recente Constituição Apostólica, proporcionar aos fiéis o alimento frequente do Pão eucarístico. Dentro do espírito destas fontes apostólicas, é igualmente desejável que o alimento da Palavra Divina seja mais fàcilmente dado às almas: poder-se-ia obter esta vantagem se a família de Deus pudesse ouvir as leituras da boca do Sacerdote, directa e imediatamente, em língua vulgar ,sempre que a afluência do povo cristão o tornasse desejável.

III

Para facilitar a participação mais frutuosa do povo na liturgia, humildemente o Congresso pede que os Ordinários locais tenham o poder de permitir que o povo, conforme as circunstâncias, não só escute a Palavra de Deus na sua língua, mas de igual modo Lhe responda rezando e cantando na mesma língua, inclusive na Missa Cantada.

IV

A Vigília Pascal, tão felizmente restaurada por S. S. Pio XII, manifestamente produziu os melhores frutos.

É nosso desejo humilde que todas as celebrações da Semana Santa sejam reformadas dentro do mesmo espírito, conforme aos cuidados pastorais da Santa Sé.

Inquiry Forum

O problema da unidade do género humano na verdade conquistou desde sempre os melhores desvelos da Igreja de Cristo, porquanto em todos os tempos perduraram os filhos das trevas. Mas nesta hora que passa a Igreja encara-o com particular solicitude porque nunca se fez tão urgente a sua remoção. O homem contemporâneo, cônscio embora da insatisfação que o progresso material lhe deu em resposta, continua a viver torturado pela certeza das suas miragens. Para uns resta o desespero. Para outros, felizmente, desperta a ânsia de verdade.

*
* *

Em Montreal (Canadá), o P. Ireneu Beaubien S. J. deu início a uma série de cursos de religião para adultos, com duas sessões nocturnas por semana, ao longo de três meses. Nelas se expõe com clareza e sem polémica, dum modo positivo e progressivo, a verdade católica. A inscrição é absolutamente gratuita e fundamentalmente admite indivíduos de qualquer confissão religiosa, raça, sexo ou condição social que desejem conhecer a doutrina da verdadeira Igreja.

O primeiro curso de vinte e quatro lições (1952: Jan.-Abril) registou a assistência média de 45 pessoas (1) Ao fim do ano o número de convertidos andava por 40. Em Setembro de 1953 ultrapassava já a centena. Conquanto seja difícil conceder-lha, há nesta estatística uma eloquência invulgar pelo heroísmo que em si acoberta. Não se trata sòmente de renunciar a uma estrutura mental criada no erro como sobretudo de vencer pelo coração e pela vontade um modo de vida que de há muito perpetuava as tradições ancestrais. Por sobre tudo surge o risco do emprego ou da amizade dos amigos.

O organismo de apostolado, conhecido por Inquiry Forum, compreende também uma maravilhosa biblioteca poliglota cuja ambiência sedutora facilita diàriamente a leitura das melhores revistas e obras católicas mundiais, e um gabinete para entrevistas particulares.

Últimamente, Inquiry Forum, arriscou, aliás com êxito, a tentativa de cursos por correspondência em várias línguas e de entrevistas no domicílio do requerente. Também aqui se dispensa a contribuição monetária dos cursistas.

A programação está a cargo de padres e de leigos.

J. SALVADO

---

(1) Recrutadas entre protestantes, ortodoxos, russos, judeus e apóstatas.

Apresentamos...

YVAN DANIEL E GILBERT LE MOUEL

Vivre en chrétien pendant les vacances (1)

O Autor de algumas das mais célebres brochuras da colecção «*Vivre en Chrétien*», apresenta, de colaboração com Gilbert de Mouel, um opúsculo bem oportuno para a estação que se inicia: *Vivre en chrétien pendant les vacances*.

Em princípio, trata-se de uma tentativa para acompanhar as crianças que partem para o campo, para o mar ou para a montanha. Porque vão viver em meios onde não se levanta o problema religioso, quando não é combatido, correm o perigo de perder os hábitos de vida cristã que tinham ido ganhando ao longo do ano lectivo.

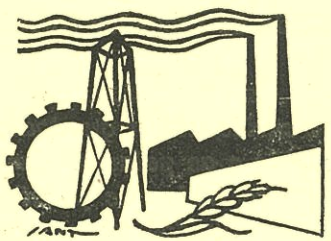
A apresentação admirável, em heliogravura, refere cenas da vida de férias que podem levar a criança a reflectir. E sobre esta base, sugere as realidades sobrenaturais. Esta medida é rica de psicologia. O moderno gosta de descobrir por si as realidades sobrenaturais. Ainda bem. É a melhor maneira de fazer delas regra de vida.

J.

(2) Les Éditions Ouvrières, Paris, 1954 (Representante em Portugal — Edições JOC, Campo Santana, 43 — LISBOA).

Como os meios operários

recebem a pregação



O tema está na ordem do dia. Ainda não há muito, realizou-se em Montpellier o Congresso promovido pela União das Obras a que se referiram com desassombro as «Novidades» de 16-V-54 (P. Gustavo de Almeida, 2 Congressos de Pastoral).

Apresentamos hoje, com toda a modéstia, um inquérito realizado entre rapazes da Acção Católica que estiveram entre nós por ocasião de um Dia do Militante.

Não passavam de uma centena de jovens trabalhadores, todos de Lisboa ou dos arredores. Por isso o inquérito é limitado, quer no campo de acção, quer na uniformidade de tipos inquiridos. Não obstante, quer-nos parecer que os seus depoimentos não serão totalmente desprovidos de interesse.

Enquanto militantes da Acção Católica, manifestavam certas exigências de vida interior e insatisfação pelo que lhes era apresentado. Enquanto operários, certa dificuldade em se exprimirem, devido ao baixo nível da cultura de parte deles (e estamos em Lisboa...) autodidactismo, exigência de rectidão e coerência. Rerpresentavam um mundo que nasceu e tem evoluído à margem da Igreja e que é necessário reintegrar na Família de Deus.

*
* *

1.º — A pregação consegue real influência na sua vida? Porquê?

Pelas respostas se depreende como eles esperam com ânsia a instrução religiosa, pois sentem já a necessidade de uma instrução completa sobre as verdades da fé. «A pregação esclarece coisas que não podemos conhecer por outros meios». *Daí a sua utilidade.*

Mes nem tudo eram rosas. Queixavam-se alguns de ela ser «pouco prática» *e às vezes sem grande convicção da parte do pregador.*

Um núcleo razoável instistiu na facilidade com que a influência da pregação desaparece em breve ao contacto com um meio adverso». Por isso ela «precisa de ser regular e frequente, para não deixar arrefecer».

Ainda um segundo ponto, relacionado com o anterior: — «Parece-lhe essencial, para o bom fruto da pregação, que a vida do pregador corresponda às verdades que se pregam? Porquê?

Não é de estranhar a unanimidade absoluta nas respostas. Aliás o que mais nos interessava era a explicação. E é curioso notar que todos esqueceram a necessidade de coerência entre a vida e as palavras para o bom fruto no campo sobrenatural. Talvez por se tratar de jocistas que vivem nos meios de trabalho, quase sempre envolvidos em escaramuças e discussões sobre religião, todas as justificações agulham na mesma direcção: «O pregador tem de ser uma fonte onde os influenciados vão beber, e a água tem de vir limpa da origem». «Se a vida do pregador não for de harmonia com as suas palavras, nada feito». «Cheio de palavras está o mundo». *Nem esquecem o ditado popular de Frei Tomás... Sempre o valor apologético. A filosofia dos casos concretos, da evidência.*

*
* *

Porque hoje em dia, sobretudo nos meios evoluídos, é moda abandonar em plano inferior a oratória sagrada, que fazia as delícias dos nossos avós, sondámos a opinião desses espíritos positivos, alheios a toda a retórica: — Que género de pregação prefere? Sermão, ou homilia em jeitos de catequese?

Ficámos um tanto surpreendidos com as respostas. 50 % pronunciaram-se pelo sermão e outros tantos pela homilia. Alguns levantaram condições: «Sermão, desde que se adapte ao nosso meio, seja bastante compreensível e com certo entusiasmo».

*

* *

Queríamos ainda auscultar as preferências dadas a certas verdades. Na Revelação tudo é divino, é bem de ver. Tudo é importante. Simplesmente algumas verdades serão mais oportunas ou necessárias. Mais oportunas, pela resposta que apresentam a interrogações vitais, ou mais necessárias pelos escombros que provêm da sua ausência e é urgente reconstituir.

Inquirimos, em primeiro lugar, das preferências: — De entre as verdades cristãs, quais gosta mais de ouvir pregar.

Conseguimos um índice dos interesses espirituais dos militantes jocistas. Raras foram as respostas formalmente idênticas, mas quase todas iam entroncar na mesma origem.

«A aplicação dos mandamentos à vida quotidiana; — A vida terrestre digna leva-nos à vida eterna — Viemos de Deus e para Deus iremos — o Mistério da Incarnação — A vida de união com o Chefe, no Corpo Místico». *Note-se ainda como um forte núcleo de militantes de secções de paróquias onde predomina o elemento operário (Arroios, Marvila e Alfama) mostraram preferências pela pregação da* justiça social.

Finalmente:

— Quais as verdades cristãs que julga mais necessárias ao nosso mundo?

— *A Caridade recolheu 50 % dos sufrágios. Nem outra coisa era de esperar em jovens trabalhadores do séc. XX.*

Reflectindo a preocupação pelos companheiros de trabalho que vivem no vício, alguns muito insistiram na necessidade da pureza.

Outros ainda, possìvelmente os de mais elevado sentido social e espírito crítico, colocaram em 1.º plano a «harmonia das obras com a fé» — *a Verdade na vida. Uma resposta explanou o nosso ponto de vista num sentido pedagógico que não deixa de ser elucidativo pelo que revela de intenção apologética e de raciocínio:* O nosso mundo quer ouvir falar

da vida terrestre. Evidentemente, que é preciso dar-lhe a ideia de que a vida terrena nunca poderá ter boa orientação, se não estiver assente numa base verdadeira.

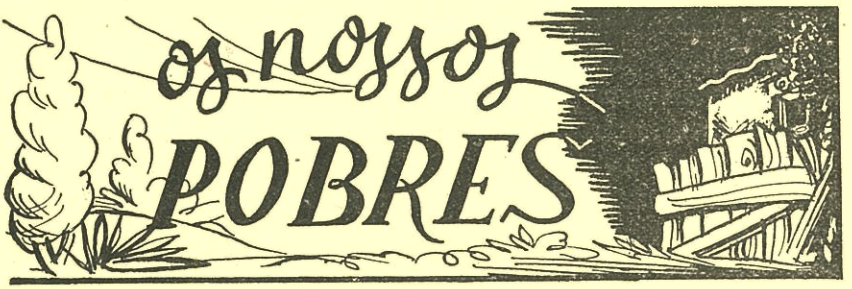
Posto isto, é altura de pôr em foco a necessidade que temos de uma vida interior, isto é, a necessidade que temos de viver o catolicismo, visto que é ele o único que vive da verdade.

...A maior parte dos que blasfemam da religião, não a conhecem: muitos dizem mal por ouvirem dizer os outros, porque, vivendo num ambiente desse calibre, não querem perder a estima dos que os rodeiam.

Em conclusão... para os ensinar, tem que se começar por lhes fazer ver que a vida material precisa de uma base de orientação — a VERDADE que nos dá o Catolicismo».

As respostas não serão brilhantes. Talvez pareçam duras. Talvez. Como o mármore antes de ser pulido. Mas já é mármore.

P.e A. JORGE



DO SOFRIMENTO DELES...

Há quem lhe chame outro Barredo.

Externamente não aparenta, mas se entrares no pátio, onde vão caindo as moradias, dar-lhe-ás o mesmo ou idêntico apelido. Há ali os escorraçados pela sociedade e pelos novos planos de urbanização. E em consequência, os que ignoram os preceitos elementares da moral.

A par da miséria física anda quase sempre a complementar desta, a miséria moral.

A cor de rosa dos edfícios encobre os espinhos dos habitantes, porque muitos e em monte e doentes e famintos, alguns e todos sem casa porque aquilo já o não é.

À direita, uma antiga habitação solarenga, hoje em ruínas, colocada pela Câmara à disposição dos que esta vai desalojando noutras partes, comporta 5 famílias, no 2.º piso. O primeiro é sala de espera para outros escorraçados. Quem sobe a escadaria que dá acesso aos aposentos superiores tem a sensação de que tudo vai desabar. Por sobre as nossas cabeças rasgam-se nesgas de luz... É o teto sem telhas.

Em cima, no corredor negro e coberto de teias abrem-se outras, onde surgem os moradores. Um deles, rapaz novo encontra-se prostrado no leito. Ao lado a mulher e dois filhos.

A doença veio há quatro meses. Agora começa a retirar-se. O mal

presente é a fome. Às cinco da tarde está só com o café, porque não tem outro manjar.

Apesar disso a sua queixa é esta:

— Eles estão sem pão e eu não o posso conseguir...

Quando tantos pensam ùnicamente em si este primeiro põe os olhos nos filhos. Esta é a sua mágoa:

— Elas estão sem pão.

E como estes, outros. Recordo alguém que espera às oito da noite pela única refeição do dia.

Nem só a ausência de bens materiais indispensáveis à vida torna dolorosa a vida dos pobres.

O sentirem-se rejeitados e o facto de o serem; a perda da dignidade humana ou a impossibilidade de a conquistar para quem nunca a possuir: rasgam chagas bem mais fundas no coração deles. E deles são a cada passo.

...COLHEMOS GRANDES LIÇÕES

O sofrimento ensina. Ensina verdades e cria convicções que sem ele não enraízam.

A causa é o pecado. Nos que tomam consciência do seu contributo para o efeito, o sofrimento gera a humildade. E, porque descem fundo nesta, muitos pairam a grandes alturas.

Quero falar-te daquela pobre, aqui referida, a qual teve o marido no hospital.

A amargura desta mãe, vítima da injustiça dos homens e provada pela dor que Deus lhe envia!

Quatro dias sem qualquer alimento e dois meses com uma única refeição diária. Actualmente é um pouco mais, mas o todo é repartido por dois, porque o marido já está. Sabe Deus que refeição!

Ai! que se tu ali entraras na barraca humilde, havias de chorar como eu o fiz!... Ela conhece a raiz do seu sofrer e humilha-se:

— De nós só temos o pecado.

Sabe que o sofrimento é condição do resgate. E aceita-o. Mas esta aceitação da dor não é mero estoicismo. Antes, fruto duma luz muito pura.

A pobre humilha-se e porque o faz sobe. Olha até onde ela vai:

— Se nós sofremos é porque Deus nos ama.

Nós vicentinos vamos à beira da pobre para receber. E que é o que damos em compensação do que auferimos!!...

Não vamos para ensinar, nem para confortar. Ainda quando pretendemos dar Cristo encontramo-lO tantas vezes já na barraca. Foi ali primeiro do que nós. Vamos para receber.

Ser vicentino é ir junto dos pobres para deles aprender o como há-de ser a nossa vida...

B. SANTOS

A PSICANÁLISE E A MORAL - II

Juguei oportunas as considerações publicadas no número anterior antes de abordar as relações entre a psicanálise e a moral. Possuímos a tal respeito dois discursos do Santo Padre que nos fornecem o mais autorizado comentário às discussões que se levantam. O primeiro foi dirigido ao I Congresso Internacional de Histopatologia do Sistema Nervoso (1); o segundo ao V Congresso Internacional de Psicoterápia e Psicologia Clínica. (2) A tais documentos devemo-nos sempre referir se quisermos pensar estes problemas à luz da verdadeira moral.

Agrupo com E. Tesson, (3) em três séries as dificuldades que a moral levanta à prática psicanalítica:

— O tratamento pelos processos empregados na psicanálise não procura curar o doente senão a preço da violação da sua personalidade e dos seus segredos?

— Sendo relativamente fácil desencadear as forças instintivas e emocionais do homem, não será muito difícil acalmá-las e dirigi-las?

— Por natureza, a psicanálise não considerará o paciente sempre fora da moral e da religião?

Procuremos estudar cada um destes pontos em particular.

---

(1) O texto veio publicado na *Lumen*, Março, 1953.
(2) *Lumen*, Agosto de 1953
(3) *Études*, Junho de 1950.

1 — *A violação da personalidade e dos segredos do psicanalisado*

Naturalmente se levantou e se levanta ainda este problema, pois o psicanalista procura penetrar no mais fundo do psiquismo do doente para procurar aí a raiz do mal que o aflige. Isto não será atentar contra a inviolabilidade da pessoa humana? Sobretudo naqueles casos em que o doente opõe resistências à pesquiza do seu conteúdo psíquico, não procura o médico reforçar a resistência de um pudor tão natural na psicologia humana?

Se a dúvida legìtimamente se pode pôr, creio que a resposta não pode ser afirmativa. Com efeito só existe violação de uma personalidade quando haja uma violência à vontade da pessoa violada. Como aliás em quase todos os processos terapêuticos, aqui a aplicação da técnica só é lícita quando haja consentimento do doente ou, no caso de este o não poder dar, quando haja consentimento dos seus responsáveis legais.

Este acordo é, de resto, concedido fàcilmente pelo doente ou seus tutores dado o sofrimento de muita ordem que as perturbações psíquicas causam e o conforto do tratamento psicanalítico. Por outro lado, não existem métodos que consigam arrancar a qualquer sujeito, uma afirmação que ele explicitamente não queira revelar. As resistências que muitas vezes o doente apresenta não são mais do que a expressão da sua angústia, da sua doença. Assim «não é o psicanalista que constrange a personalidade do paciente; é a sua doença». (1) Se o doente não fala, não o faz porque não pode, não porque o não quer.

Esta resposta porém não pode ser entendida de maneira absoluta. Pio XII afirma: «Ao aplicar o direito sobre si mesmo, o indivíduo deve observar a hierarquia dos valores. Assim, o homem não pode realizar ou permitir em si acções médicas que suprimem sem dúvida pesadas taras ou doenças físicas ou psíquicas, mas originam ao mesmo tempo a abolição permanente da liberdade, isto é, da personalidade humana na sua função típica e característica. (2) Na psicanálise, pelo menos no campo dos princípios, como os julgo entender, nada existe contudo que produza

---

(1) E. Tesson — *Études,* Junho 1950, pág. 323.

(2) Pio XII, disc ao I Cong. de Hist. do Sistema Nervoso, *in Lumen,* Março de 1953, pág. 155.

esta perda de liberdade. Creio bem que se trata aqui de um problema de ordem concreta que em cada caso o médico aconselhado pelo moralista deve resolver. Frizemos, porém, contra a opinião de muitos, que o interesse do paciente não pode nunca ultrapassar o limite que a moral, neste ponto particular lhe aponta.

Intimamente ligado com este problema está o da salvaguarda dos segredos do paciente. Os segredos que este guarda, mormente os que têm de ser cuidadosamente protegidos. Como diz Sua Santidade (1) o princípio geral: *em virtude de causa proporcionalmente grave, é lícito manifestar um segredo a um homem prudente e discreto,* deve ser aplicado com muito cuidado e discernimento. Mesmo há segredos cuja revelação é absolutamente ilegítima, ainda quando sejam causa de algum transtorno sério. Estão neste último caso o segredo da confissão, o segredo profissional e outros que o Papa não explicita.

2 — *A dificuldade em acalmar e dirigir as forças psíquicas libertadas*

De certa maneira este problema é mais objecto da psicanálise do que da moral, pois não existe nenhuma terapêutica, sobretudo em psiquiatria, isenta de riscos. Por exemplo, com uma probabilidade relativamente elevada, as sulfamidas e os compostos tipo aspirina podem dar origem a perturbações orgânicas que levam muitas vezes à morte. Logo, seria entravar o progresso da ciência afirmar que as suas experiências só se podem efectuar quando exista perfeita segurança. O próprio Santo Padre o afirma quando declara: «Para a moral autorizar o emprego de novos métodos não se pode exigir que sejam excluídos todo o perigo e todo o risco. Isto ultrapassa as possibilidades humanas e paralizaria toda a investigação científica séria e redundaria muitíssimas vezes em detrimento do paciente. A apreciação do perigo deve deixar-se, nestes casos, ao juízo do médico experimentado e competente». (2)

Existem sérios riscos na análise do psiquismo. Não se pode mexer no seu campo sem se ofender mais ou menos sèriamente a personalidade.

---

(1) Pio XII, Discurso ao V Congresso de Psicoterápia e Psicologia Clínica, in *Lumen,* Agosto 1953, pág. 499.

(2) Pio XII, disc. ao I Cong. de Hist. do Sistema Nervoso, *in Lumen,* Março, 1953, pág. 158.

No decurso da terapêutica psicanalítica muitas vezes «destroem-se proibições recebidas na infância sem se ter a quase certeza de que o paciente será capaz de reconstruir um sistema de regras para a sua conduta. De facto não é tão fácil como se julga o chegar-se a uma idade mental e atitude perante a vida de adulto». (1) Para a aplicação de métodos arriscados requer-se não só a aprovação do paciente, mas ainda que não exista outro processo de o aliviar. Todos os sérios psicanalistas só empregam o método depois de um detalhado estudo do seu doente e fazendo sempre a análise o mais superficial que for possível.

3 — *A psicanálise usa necessàriamente nos seus processos de indiferença, senão de oposição, ante a moral e a religião*

Limitemos o campo desta discussão. Aqui, no mais importante e difícil grupo de dificuldades, as confusões são numerosas não só por parte dos psiquiatras como também por parte dos doentes e seus mentores espirituais.

Uma primeira causa de conflitos entre doentes e psiquiatras, resulta da deficiente formação moral de muitos doentes, deformação que aparece mesmo entre os melhores cristãos, e sobretudo entre os melhores cristãos. Esta deformação arrasta muitos a considerar determinados actos como pecaminosos, quando na realidade o não são. E assim afastam-se dos médicos que lhes deram certos conselhos porque julgam que estes conselhos são ilícitos. Tal sucede com muita frequência no campo da sexualidade. Esquece-se a diferença necessàriamente importuna que existe entre o sexual e sexuado. O homem é um animal sexuado, não sexual como queria Freud, e não podemos, por maior que seja o desejo de pureza, esquecer este facto quando queremos orientar a nossa vida no caminho da perfeição. Fazê-lo, seria cair num angelismo prejudicial, de certo modo orgulhoso, que nos levaria a muitos desfalecimentos no próprio caminho da perfeição e, por ventura, até ao extremo do desespero. A vida do homem é muito diferente da da mulher. Deve sê-lo, para ser normal. A diferença já se nota nas crianças como se pode observar na diferente índole das suas brincadeiras. A vida de piedade da mulher é diferente da do homem. Este, movendo-se melhor no abstracto e no intelectual,

(1) E. Tesson — *Études*, Junho 1950, pág. 325.

aquela dirigindo-se mais ao concreto e ao sentimental. Desta distinção biológica resultam no homem e na mulher um conjunto de sensações específicas do seu sexo que podem provocar confusões por vezes bastante profundas. O médico nestes casos «pode e deve acalmar, mostrar a origem inocente e normal dos sentimentos resultados da sexuação. Basta vigiá-los e dominá-los para os impedir de se tornarem desordenados, o que os tornaria consentidos em vez de sentidos, o que é muito diferente». (1)

Isto o que me parece oportuno dizer quanto a uma deficiente formação por parte do doente que recorre ao psicanalista. Mas por outro lado, como já afirmei na primeira parte deste artigo, existem manifestações morais e religiosas que são formas desviadas de uma sexualidade patológica. Casos como os daqueles que julgam pecado entrar pela porta direita das igrejas em vez de entrar pela porta esquerda, ou daqueles que, contra todos os conselhos dos seus confessores, nunca recebem a Sagrada Comunhão porque, dizem, são indignos, etc., são bem conhecidos de qualquer director de consciências. Em pequeno grau, tais fenómenos, embora anormais, não se podem considerar rigorosamente patológicos e muitas vezes, sobretudo quando se instalam sòmente durante uma época da vida, podem até favorecer o progresso na vida espiritual. Em grau maior serão patológicos e podem ter como causa, além de outras origens possíveis, uma sexualidade anormalmente desviada. Entre o doente e o psiquiatra e mesmo entre este e um confessor mal esclarecido, podem surgir conflitos por vezes bem dramáticos que põem em jogo a calma e tranquilidade das almas. Creio que estas considerações mostram bem a importância de um estudo sério em Medicina Pastoral das bases da psicofisiologia e a oportunidade da inclusão naquela cadeira de uma introdução à teoria e prática da psicanálise. Lembro aquela bem conhecida frase de Santa Teresa de Ávila: «Prefiro um confessor sábio a um outro santo, mas ignorante».

Vistas sumàriamente duas causas de conflitos entre psicanalistas e seus doentes ocorre agora perguntar: *Uma consciência normal e bem formada não poderá levantar sérias objecções à psicanálise?*

Creio que posso responder afirmativamente, sobretudo quando se

---

(1) Tiberghien, *MÉDECINE ET MORALE*, pág. 208.

trata da aplicação prática da integral doutrina freudiana, isto é, do pansexualismo. Já no número anterior desta revista vimos o que diz a filosofia a respeito da doutrina de Freud. Pio XII a condena afirmando: «A psicoterápia não pode sem mais, considerar a inibição do *eu* como uma espécie de fatalidade, como uma tirania afectiva, que brota do subconsciente e escapa simplesmente ao comando da consciência e da alma... Sabemos que o conhecimento natural e sobrenatural de Deus e o seu culto, não procedem do inconsciente ou do subconsciente, nem de um simples impulso afectivo, mas do conhecimento claro e certo de Deus por meio da revelação natural e positiva». (1)

Isto quanto à doutrina pansexual. Quanto à sua prática lògicamente levanta a moral bem apertados limites. Quando se toca tão directamente em condutas humanas é impossível qualquer neutralidade, e muito menos oposição às regras morais. Nem o interesse da ciência, nem o da sociedade, nem sequer o do próprio doente o permitem. É claríssima a exposição do Santo Padre. (2)

«O médico só tem sobre o paciente o poder e os direitos que este lhe dá. O paciente, por seu lado, não pode conferir mais direitos do que possui. O paciente não é senhor absoluto de si mesmo... Possui o direito de uso... Porque é usufrutuário e não proprietário, não tem poder ilimitado de pôr actos de mutilação ou destruição de carácter anatómico ou funcional». E aplicando esta doutrina à psicanálise, continua: «Para se libertar de recalcamentos, de inibições, de complexos psíquicos, o homem não é livre em despertar em si, para fins terapêuticos, todos e cada um dos apetites da esfera sexual, que se agitam ou se agitaram no seu ser, e movem as suas vagas impuras no inconsciente ou subconsciente. Não pode fazer disto objecto de representações e desejos plenamente conscientes, com todos os abalos e reprecussões que tal processo causa. Para o homem e para o cristão, existe uma lei de integridade e de pureza pessoal, de estima da sua pessoa, que proíbe mergulhar assim totalmente no mundo das representações e das tendências sexuais. *O interesse médico e psicoterapêutico do paciente* tem aqui um limite moral.

---

(1) Pio XII, disc. ao V Congresso de Psicoterápia e Psicologia Clínica, in *Lumen*, Agosto, 1953, págs. 498 e 500.

(2) Pio XII, ao I Congresso de Histopatologia do Sistema Nervoso, in *Lumen*, Março, 1953, pág. 155.

Aliás, acentua o Papa, «não está provado, é mesmo inexacto que o método pansexual de certa escola de psicanálise seja parte integrante indispensável de toda a psicoterápia séria e digna deste nome; que o facto de este método se ter descurado no passado tenha causado graves males psíquicos, erros de doutrina e de aplicações em educação, em psicoterápia e também em pastoral.»

Cheguei ao fim desta exposição sumária a respeito das relações da moral com a psicanálise. Julgo oportuno resumi-las em poucas palavras:

1.º — A moral não condena a psicanálise, quer como técnica de psicologia, quer como terapêutica de certos estados patológicos.

2.º — A moral condena certas formas da psicanálise sobretudo aquelas que admitem inteiramente o *freudismo* e a ele se ligam directamente na prática.

3.º — Recomenda grande discrição na aplicação dos métodos psicanalíticos ao tratamento dos doentes, devendo as análises ser sempre feitas com grande prudência e o mais superficialmente possível.

4.º — O doente não se deve entregar nas mãos de um psiquiatra agnóstico e muito menos daquele que se manifesta contra a moral natural, pelo perigo que nestas circunstâncias correm o seu comportamento e a sua formação.

Creio que não posso terminar melhor este artigo senão recomendando perante a psicanálise, como perante qualquer nova técnica que o engenho humano descubra e aplique para progresso da humanidade, aquelas mesmas atitudes de espírito recomendadas pelo Santo Padre no final de cada um dos discurso que atrás citei. Em primeiro lugar, uma absoluta confiança nas verdades que Deus permite que a inteligência humana adquira no estudo da criação, certos de que elas não são mais do que o reflexo da Verdade Absoluta, do próprio Deus. Em segundo lugar, e conclusão natural desta confiança, a prudência que a verdade moral aconselha nos casos dos novos ramos de conhecimento e de técnicas humanos. Os limites que a moral traça «não são obstáculo ao progresso. No campo da medicina sucede como nos outros campos da investigação, das tentativas e das actividades humanas: as grandes exigências morais forçam a corrente impetuosa do pensamento e da vontade humana a mover-se, como a água das montanhas, num leito determinado; elas moderam-na para lhe aumentar a eficácia e utilidade; põem-lhe diques para que não

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 125 - 130 Tel. 26669

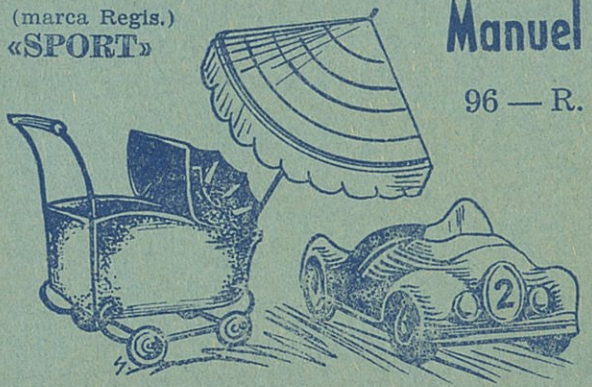
Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

(marca Regis.)
«SPORT»



Manuel José Soares

96 — R. Coelho Neto — 98

Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca «**SPORT**»

Especialidade em toldos, guarda-soes ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos

VELAS DE CARDIGOS

J. D' Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 **B. Baixa-CARDIGOS**

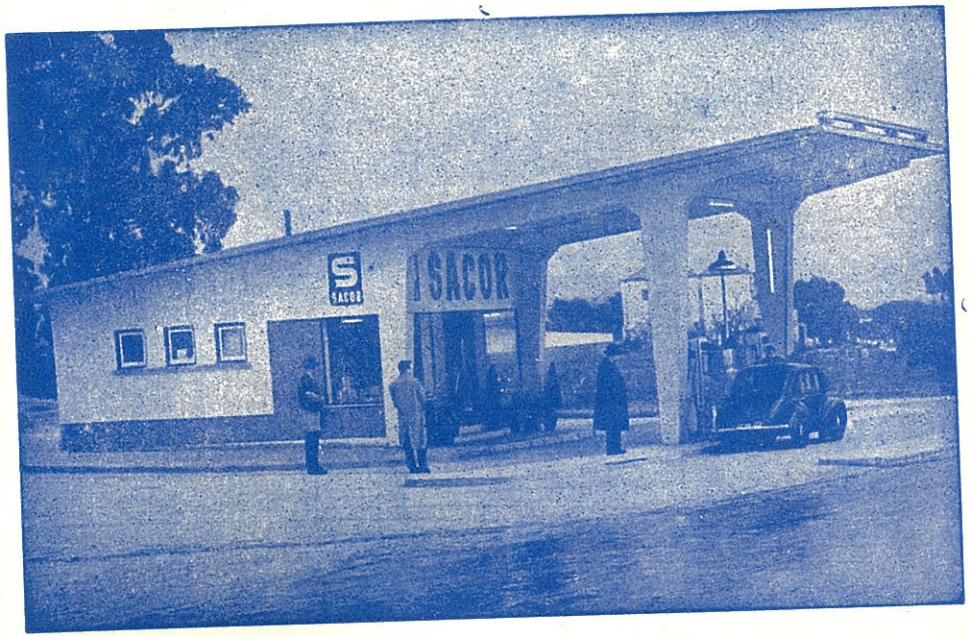
A casa que há 103 anos criou e mantém o prestígio das **VELAS DE CARDIGOS**

Premiada em 7 Exposições, 4 Estrangeiras e 3 Nacionais

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses

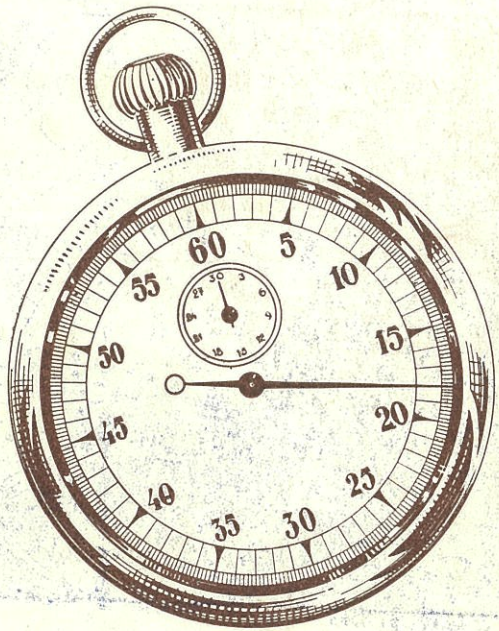


SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL